

A CLAREZA NA RELAÇÃO SUJEITO-PREDICADO*

Roque Danilo Bersch

O presente trabalho consiste num estudo exaustivo de um "corpus" constituído de 206 redações de um concurso vestibular, de dez a doze linhas em média, cada uma. Nesses textos, dissertativos, analisamos todas as frases, destacando aquelas em que a relação sujeito-predicado não estava clara. Chegamos à conclusão de que o principal obstáculo à clareza dos textos, no aspecto estudado, não são os erros de concordância verbal, ou da voz gramatical do verbo, mas sim a falta da expressão explícita do sujeito, no momento e forma adequados.

INTRODUÇÃO

Na comunicação lingüística, o significado se estabelece pelas relações. Todo sintagma só adquire sua função em razão da relação entre as partes formais que comporta. Assim sendo, um elemento formal que queiramos chamar de sujeito de uma oração só vem a ser sujeito em razão de sua relação com outro elemento formal que se lhe contraponha como predicado. Assim também o inverso. A própria definição tradicional de sujeito encontrada em nossas gramáticas acusa esse aspecto relacional: Sujeito é o ser (ou termo que indica, ou denota o ser) do qual se afirma, questiona ou nega o conteúdo do predicado. O predicado, por sua vez, é "aquilo que se declara do sujeito" (Said Ali, 1956, p. 126). Da confrontação em que esses dois elementos se encontram resulta o nexo entre um e outro, segundo Mattoso Câmara (Câmara, 1976, p. 233). Mattoso Câmara é mais incisivo ainda, quando afirma que a nossa "visão lingüística é a de um mundo de seres a que tudo que se passa é necessariamente reportado" (Câmara, 1976, p. 125). Assim sendo, podemos concluir que nós pensamos e nos comunicamos a partir desse procedimento básico que é o de estabelecer uma relação sujeito-predicado.

* Resumo da dissertação de Mestrado.

Para reforçar esses conceitos é oportuno recordar que a frase se define, quase universalmente, como um sintagma que compreende um sujeito e um predicado, se a tomamos com o caráter racional, denotativo (que é o caso do nosso estudo). As situações de frase sem sujeito são de exceção, e, em diversos sistemas lingüísticos e mesmo em diversas situações do Português, deparamos com argumentos que provam esse caráter de excepcionalidade. As frases sem verbo são características da linguagem em que predomina a afetividade.

Se acrescentamos à afirmação do parágrafo anterior o fato de que a frase é o suporte de qualquer ato de comunicação lingüística, assim como as gramáticas no-la definem, ou então, "o tipo por excelência de sintagma", como a define Saussure (Saussure, 1974, p. 144), voltamos realmente à afirmação anterior de que, para que haja clareza na comunicação, deve haver uma estruturação clara do binômio sujeito-predicado.

Resta dizer o que entendemos por clareza.

Mattoso Câmara, em seu *Manual de expressão oral e escrita*, fala de clareza interna e clareza externa, definindo aquela como a capacidade e a habilidade de recortar, no mundo das idéias, porções definidas de significado, articulando-as em unidades maiores de sorte a produzir o nexo de uma frase, ou então, a fazer aparecer "limpidamente o pensamento" (Câmara, 1977, p. 149). A clareza externa, segundo o mesmo autor, consiste na identificação do procedimento lingüístico individual com o da comunidade, pelo "aproveitamento adequado dos meios lingüísticos" (Câmara, 1977, p. 150).

Aplicando esses conceitos de clareza à construção lingüística que estamos estudando, podemos dizer que uma relação é clara quando o texto apresenta elementos adequados, facilmente perceptíveis e de uso normal, para que o leitor apreenda em sua mente, por meio da relação, aquele nexo que o autor concebeu com objetividade e pretende comunicar, sem que haja demora na decodificação da mensagem. No núcleo frasal, objeto do nosso estudo, a clareza da construção exige a pronta percepção dos termos que se colocam em relação de sujeito e predicado. Quando essas condições de clareza não se preencherem, chamaremos as relações de obscuras e consideraremos erro essa obscuridade.

Nosso enfoque de clareza será, portanto, eminentemente sintático, e, se insistimos na pronta localização dos termos da relação, fazemo-lo por causa do caráter objetivo e unívoco da variação lingüística estudada.

PRIMEIRA PARTE:

A CLAREZA DO NEXO FRASAL VISTA NO "CORPUS"

Quando o sujeito de uma oração é um nome substantivo, ele reporta a um ser do mundo referencial numa relação direta e definida para cada sistema lingüístico.

Assim, ante a frase "o boi pulou a cerca", os falantes do Português são remetidos pelo termo "boi" a um determinado ser do mundo referencial (animal irracional, quadrúpede, etc.) como o ser de que se afirma que "pulou a cerca".

Se, porém, se trata de um pronome substantivo, a relação com o referencial se dá indiretamente: ou através de um elemento intermediário — um substantivo a que o pronome se refere — ou por meio de elementos gramaticais da língua (no caso das pessoas gramaticais). Assim, por exemplo, nas frases "este só chora de dor", ou "a minha não me basta", ou "que chegaram ontem", ou ainda "qual te serve melhor?", só se estabelece com clareza uma relação sujeito-predicado se, pelo contexto (recurso de que dispõe a língua escrita), os pronomes "este", "a minha", "que" e "qual" correspondem a nomes substantivos que estabeleçam uma relação com a referencialidade. Exemplificando, podemos esclarecer a relação sujeito-predicado dessas expressões pelos seguintes contextos: "Sobreviveram Maria e **Pedro**; este só chora de dor", ou: "Preciso de mais uma **sala**; a minha não me basta", ou: "Os **livros** que chegaram ontem", ou então: "Tenho dois **tipos** de machado. Qual te serve melhor?"

No caso dos pronomes indefinidos, inclusive aqueles que se prestam à frase interrogativa, a própria condição de indefinição que o falante pretende manter em torno do referencial dispensa essa correspondência com um nome substantivo.

Os pronomes pessoais devem ser subdivididos. A primeira e a segunda pessoas gramaticais, pela característica peculiar de só se poderem referir ao falante e ao ouvinte, respectivamente, têm normalmente esclarecida sua relação com o referencial, sem que seja necessário repetir as alusões a este, por meio de elementos lexicais. Já a terceira pessoa se presta mais facilmente à obscuridade, porque o número de seres a que se pode referir é em geral muito amplo, mesmo que se considere o contexto em que o fato se insere.

Definido o sujeito, convém lembrar certas particularidades que, em nosso sistema de comunicação, ou seja, no Português, podem cercar essa função sintática.

O sujeito pode vir expresso por um ou vários substantivos ou equivalentes. Em Português, é freqüente a não-repetição do termo que indica o sujeito, quando este é o mesmo para dois ou mais predicados próximos. Diz-se então que o sujeito está subentendido. Outras vezes, em circunstâncias análogas, o ser referencial a que nos reportamos como o sujeito da frase é designado por um pronome, para evitar a repetição. Para a eficiência da comunicação, é importante que o leitor, ao se encontrar diante de uma frase com sujeito subentendido ou expresso por pronome, tenha elementos suficientes e condições para perceber de pronto o termo lexical que o autor tem em mente para denotar o ser referencial do qual se afirma o conteúdo do predicado. Esse termo, que, na falta de outra denominação, passamos a chamar no presente trabalho de "termo intermediário" deve ser fornecido pelo contexto. As condições que se exigem para sua pronta percepção, sem que o leitor tenha que interromper ou repetir a leitura para lembrá-lo ou evocá-lo, serão apresentadas mais adiante, quando poderemos ilustrar cada caso com exemplos de obscuridade gerada pelo não-preenchimento das mesmas.

Casos há em que o sujeito, embora existindo, não é denunciado, ou por ser irrelevante ou por ser impossível o seu reconhecimento. Falamos então de sujeito indeterminado, em oposição aos casos citados no parágrafo anterior, em que ele é determinado. A indeterminação do sujeito é acompanhada de um comportamento específico da palavra verbal que lhe corresponde no predicado. Esta fixa-se na forma de terceira pessoa gramatical, que, das três pessoas, é a única que permite o não-reconhecimento do sujeito. Em língua culta padrão, o verbo pode aparecer, para tais efeitos, na 3ª pessoa no plural, ou mesmo no singular, neste caso acompanhado da partícula se: "Aqui precisam de serventes", ou: "Aqui precisa-se de serventes".

Há também, como mencionamos acima, em situações de exceção, as construções sem sujeito, que denunciam fatos que o falante, ao recortá-los da massa caótica dos significados, não atribui a ser algum.

Nosso objetivo principal, neste trabalho, é fazer um levantamento das construções obscuras da relação sujeito-predicado, revelando dados sobre a freqüência desse erro, descrevendo-o mediante a caracterização de situações concretas e classificando-o segundo condições de ocorrência.

Para tanto, analisamos uma a uma todas as frases das 206 redações do "corpus", classificando-as em claras e obscuras.

As obscuras foram subclassificadas segundo critérios que partem das características da construção as quais apontamos como possíveis causas da obscuridade. Na maioria dos casos o problema está ligado diretamente com o termo do sujeito, indevidamente subentendido ou substituído por pronome. Em alguns casos, porém, a falta de clareza diz respeito à palavra verbal: ausência ou erro de flexão.

Passamos a apresentar a subclassificação dos casos de frases obscuras. O pequeno espaço reservado ao presente resumo não permite exemplificação ampla, porque esta normalmente exige a transcrição dos textos na íntegra, face às características do assunto estudado. Apresentaremos, contudo, alguns exemplos, para que o leitor possa situar-se.

a) Distância do termo intermediário

O autor subentende, para sujeito de uma oração, um termo intermediário distante da oração, mas presente no contexto. Essa distância é mais psicológica do que física, e é em geral acentuada pela intercalação, entre o termo intermediário e o verbo, de outros termos que desviam a atenção do leitor, estorvando-lhe, assim, a lembrança do termo citado. Veja-se o exemplo seguinte:

"A guerra é uma necessidade para as grandes nações. Pois é através delas que **conseguem** vender as armas, os tanques e até remédios. A concorrência faz com que as guerras continuem, pois sem elas **serão reduzidos** a pequenas empresas. O emprego de armamentos, para as grandes fábricas, é beneficiada através da guerra. Porém para o ser humano é uma catástrofe."

O leitor encontra o sujeito de "serão reduzidos" no primeiro parágrafo do texto: "as grandes nações", mas não sem alguma perda de tempo.

b) Função acessória do termo intermediário

Convém lembrar que o sujeito é sempre um termo subordinante, nunca subordinado; por isso o sujeito não admite estar regido de preposição. Situações como a do sujeito acusativo são excepcionais. Por essa mesma razão, não é prática convencional, em Português, tomar para sujeito subentendido um termo que, no momento em que apareceu no contexto, estava como termo subordinado.

O texto transcrito acima nos apresenta dois erros dessa natureza. O primeiro, quando se subentende, para sujeito de "conseguem", o termo da oração anterior "para as grandes nações". (O mesmo erro agrava também a situação anteriormente descrita, do predicado serão reduzidas a pequenas empresas.). A segunda incidência desse erro está no último período do texto, quando se subentende, para sujeito de "é uma catástrofe", o termo "guerra", de "através da guerra", do período anterior.

c) Posposição do termo intermediário

A posposição do termo intermediário ao verbo, apesar de ser possível em Português, exige cuidados para não obscurecer o nexos frasal.

b) Ambigüidade

Casos há em que a omissão do sujeito ou a sua expressão através de um pronome redundam em ambigüidade porque o contexto apresenta ou sugere mais de um termo com condições de ordem morfo-sintático-semântica de ser tomado como termo intermediário, ou denotador da referencialidade do sujeito. Sirva de exemplo o emprego do pronome pessoal "ela", na seguinte transcrição:

"A humanidade viveu, vive e viverá em constantes episódios de guerra. **Ela** sempre foi alvo em todos os momentos de nossa história. **Ela** não traz benefícios para o futuro dum mundo melhor."

e) Falta de concordância

Este item reúne dois casos de erro. No primeiro, a obscuridade se origina da falta de concordância entre o verbo e o termo intermediário, constante em alguma parte do contexto ou simplesmente imaginado. No segundo caso, deve-se o erro à falta de concordância entre o pronome que na oração em questão designa o termo intermediário, e este mesmo termo. Como se vê, nenhum dos dois casos se reduz a um simples fenômeno de "concordância verbal". Mesmo no primeiro caso, o problema é mais complexo, porque envolve um termo ausente da oração. Os casos de simples falta de concordância verbal com sujeito expresso na oração foram levantados em outro item. Seguem, para esclarecer o item presente, exemplos extraídos de duas redações:

"A guerra que os homens fazem entre si, é uma das maneiras, pela qual **consegue tirar** algo de seu próximo, que para ele é inalcançável, e o outro está conseguindo.

Um povo quando mais miserável e inculto mais procura a guerra. Seus recursos são tão poucos para almejar algo, **tentam** se usufruir dos bens dos outros."

f) Termo intermediário imaginado ou sujeito imaginado

Às vezes, na falta do sujeito, pode o leitor imaginá-lo a partir do contexto, mas não sem o inconveniente da perda de tempo. Vejamos o exemplo:

"**Sendo o homem o único ser racional dos animais**, tudo leva a crer que ele não se desenvolveu ainda totalmente na sua parte intelectual.

Com o passar dos anos ele tomará consciência da necessidade de assumir seu papel no mundo, pois cada um de nós tem sua missão a cumprir, para o bem de todos.

Não é lutando entre si que **conseguirão** se sobressair dos outros."

Outras vezes o sujeito aparece na forma de pronome, mas deve ser imaginado o termo intermediário. No texto a seguir, o pronome "estas" provavelmente significou "guerras", na mente do autor. Para tanto, o leitor tem como única pista o verbo "guerreaava", da frase anterior.

"O homem sempre foi um ser incompreendido. Já a 400 AC conforme narra o texto, o homem guerreaava na Ásia Menor. **Estas** tinham um cunho político, religioso, racial, etc..."

g) Falta total do sujeito ou do termo intermediário

Torna-se difícil até mesmo imaginar, com segurança, qual o termo que o autor tem em mente para sujeito de frases como as que sublinhamos nos textos a seguir:

"Para mim o egoísmo está em primeiro lugar pois ninguém quer dar o braço a torcer outras vezes por falta de diálogo, ou quando **isto acontecer** as pessoas não querem se entender."

"O homem luta internamente. Já existe uma guerra **que não quer deixar vencer.**"

"Quando se fala em guerras **não é** o que muitos pensam que **seja** só tiros e facada **é** em tudo, guerra nos preços..."

h) Falta formal

Às vezes a construção com sujeito subentendido se torna obscura apesar de o contexto fornecer elementos que possam denunciar o sujeito. Por circunstâncias diversas, como por exemplo a forma nominal no lemento verbal, a falta da exploração do sujeito na própria oração embarça o leitor.

i) Redundância

Registramos neste item os casos, raros, em que a repetição desnecessária do sujeito estorva a leitura.

j) Outras

Algumas ocorrências de relação obscura, que não podiam ser omitidas no quadro, foram de difícil classificação, às vezes por concorrerem para a obscuridade diversos fatores em menor proporção cada um.

l) Falta do verbo

Até aqui nossa atenção esteve voltada mais para o termo do sujeito do que para o verbo. No presente item, anotamos todas as ocorrências em que a construção se ressentia da falta do verbo. Em certos casos, trata-se de verbo expresso em frase anterior; noutros, a "frase" nada mais apresenta do que um nome ou uma expressão sem conexão sintática com o contexto.

Exemplificamos o primeiro caso com o seguinte texto, onde, entre "outras vezes" e "a falta de amor", falta o verbo "contribui".

"A falta de um bom governo também contribui muito para conflitos entre políticos e entre povo e governo **outras vezes a falta de amor**, isto é, o ódio que as pessoas sentem..."

O segundo caso se encontra exemplificado na primeira transcrição feita no item g, acima, onde o substantivo "falta"

(de "por falta de diálogo") deveria ser reescrito pelo verbo faltar: "outras vezes falta o diálogo".

m) Mecanismos sintáticos

As construções com erro de flexão verbal, colocação e regência na palavra do sujeito foram registradas neste item somente quando esses erros ocasionaram, por si só, obscuridade no nexos frasal.

O exemplo a seguir apresenta uma construção em que a obscuridade em torno do sujeito desapareceria se o verbo "ser" ficasse em forma nominal, passando-se a flexão para a oração principal: *quererem*.

"Neste instante muitos países estão vivendo em um período de muita agitação, guerras e guerras, estão destruindo seu semelhante **por querer que eles sejam** os donos da natureza."

Neste outro exemplo, a presença da preposição tira ao termo "um país" a condição para poder ser sujeito, e a frase fica sem sujeito.

"Num país onde houve uma guerra, leva muito tempo para se recuperar...".

Concluído o levantamento e análise das frases das 206 redações, obtivemos os seguintes resultados:

Relações claras sujeito-predicado: 2.401
Relações obscuras sujeito-predicado: 251
Total das relações sujeito-predicado: 2.652
Porcentagem das construções obscuras ...: 9,5%

As 251 construções obscuras distribuem-se por 121 redações (58,7%), numa média de 2,1 casos de erro para cada uma dessas redações, ou então, de 1,2 casos para cada um dos 206 textos.

A distribuição das 251 construções obscuras pelos itens descritos acima é a seguinte:

TABELA 1

DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS DE OBSCURIDADE NA RELAÇÃO SUJEITO-PREDICADO, SEGUNDO SUAS CAUSAS

	CAUSA	INCIDÊNCIA	%
1ª	Falta total de sujeito ou do t.i.	39	15,5
2ª	Sujeito ou termo intermediário imaginado	38	15,1
3ª	Falta de concordância	34	13,5
4ª	Função acessória do termo intermediário	34	13,5
5ª	Falta do verbo	31	12,4
6ª	Distância do termo intermediário	27	10,8
7ª	Ambigüidade	22	8,8
8ª	Posposição do termo intermediário	5	2,0
9ª	Outras	5	2,0
10ª	Flexão verbal	5	2,0
11ª	Regência	5	2,0
12ª	Colocação	3	1,2
13ª	Falta formal	2	0,8
14ª	Redundância	1	0,4

NB: O "índice relativo de ruído" apresentado nesta e em outras tabelas tem valor exclusivamente interno ao nosso trabalho e pode ser interpretado como uma medida relativa em que o erro, em determinado item, estorva a leitura fluente dos textos analisados. O que cada índice significa, como prejuízo à comunicação escrita, só pode ser avaliado em termos de comparação entre os índices dos diversos itens.

Considerando a natureza morfológica do sujeito, o erro observado apresenta a seguinte distribuição:

TABELA 2

RELAÇÃO ENTRE A FALTA DE CLAREZA NO BINÔMIO SUJEITO-PREDICADO E A NATUREZA MORFOLÓGICA DO SUJEITO

NATUREZA MORFOLÓGICA DO SUJEITO	TOTAL DAS OCORRÊNCIAS	OCORRÊNCIAS CLARAS	OCORRÊNCIAS OBSCURAS	% DE ERRO NESTE ITEM	% OCORRÊNCIAS NO ÍTEM SOBRE TOTAL NO CORPUS	ÍNDICE RELATIVO DE RUÍDO	
Omissão do sujeito, com termo intermediário	641	560	81	12,6	24,2	304,9	
Omissão do sujeito, sem termo intermediário	443	366	77	17,4	16,7	290,6	
Pronome	Ele (e flexões)	98	77	21	21,4	3,7	79,2
	Este, esse, aquele e flexões	54	39	15	27,8	2,0	55,6
	Relativo	232	221	11	4,7	8,7	40,9
	Tudo (resumidor)	15	14	1	6,7	0,6	4,0
	Outros	171	161	10	5,8	6,4	37,1
Oração	Desenvolvida	27	26	1	3,7	1,0	3,7
	Reduzida	14	13	1	7,1	0,5	3,6
Verbo substantivado	16	16	0	---	0,6	---	
Nome substantivo	941	908	33	3,6	35,5	127,8	

Nossos instrumentos usados para o levantamento revelaram ainda o seguinte resultado, se relacionamos os casos de obscuridade com a morfologia do verbo.

TABELA 3

RELAÇÃO ENTRE A FALTA DE CLAREZA NO BINÔMIO SUJEITO-PREDICADO E A MORFOLOGIA DO VERBO

FORMA VERBAL	TOTAL DAS OCORRÊNCIAS	OCORRÊNCIAS CLARAS	OCORRÊNCIAS OBSCURAS	% DE ERRO NESTE ITEM	% OCORRÊNCIAS NO ÍTEM SOBRE TOTAL NO CORPUS	ÍNDICE RELATIVO DE RUÍDO
Elipse do verbo	76	38	38	50	2,9	145,0
Forma nominal	364	298	66	22,1	13,7	302,8
1ª pessoa gramatical	244	244	0	---	9,2	---
2ª pessoa gramatical	0	---	---	---	---	---
3ª pessoa gramatical	1.968	1821	147	7,5	74,2	556,5

SEGUNDA PARTE:

A CONCORDÂNCIA VERBAL E A VOZ GRAMATICAL DO VERBO VISTAS NO "CORPUS"

Para termos alguma idéia do valor dos dados sobre a frequência dos erros por falta de clareza na estruturação do binômio sujeito-predicado levantados na primeira parte, fizemos dois outros levantamentos: o primeiro deles verificando a questão da concordância verbal e o segundo, a adequação do verbo à voz gramatical.

a — Concordância Verbal

Analisadas novamente todas as frases, constatamos os seguintes resultados:

Concordância adequada na relação sujeito-predicado: 2.455
 Concordância inadequada na relação sujeito-verbo...: 121
 Total das relações sujeito-verbo: 2.576
 Porcentagem das construções inadequadas: 4,7%

As 121 construções inadequadas distribuem-se por 74 redações (35,9%) numa média de 1,6 casos de inadequação para cada uma dessas redações, ou então de 0,6 casos para cada um dos 206 textos.

b — Voz Gramatical do Verbo

Um terceiro levantamento, que verificou a adequação do núcleo frasal à voz gramatical do verbo, revelou os seguintes dados:

Construções adequadas cultas: 2.536
 Construções adequadas apenas ao registro coloquial: 12
 Construções totalmente inadequadas: 28
 Total das construções inadequadas ao registro culto: 40
 Total das construções analisadas: 2.576
 Porcentagem das construções inadequadas: 1,6%

As 40 construções inadequadas distribuem-se por 36 redações (17,5%), numa média de 1,1 casos de erro para cada uma dessas redações, ou então, de 0,2 casos para cada um dos 206 textos.

TERCEIRA PARTE:

CONCLUSÕES

Verificamos, na primeira parte do presente trabalho, que os problemas ligados aos mecanismos sintáticos (regência, concordância e colocação) ocasionaram obscuridade no nexos frasal em apenas 13 ocorrências (cf. tabela 1). A segunda parte, porém, nos revela que houve 121 casos de falta de concordância verbal; esses casos não chegam, portanto, na maioria das vezes, a comprometer o nexos, ou, por outra, se eles tivessem deixado de ocorrer, muito pouco teria mudado o aspecto da clareza na estrutura das frases.

Cumpramos notar também que os erros por falta de clareza são mais freqüentes do que os de falta de concordância ou os de inadequação da construção, à voz gramatical. Assim também as faltas de clareza se encontram em um número bem maior de informantes do que as outras. A seguinte tabela permite-nos uma visão de conjunto dessas comparações.

TABELA 4

RESUMO DOS LEVANTAMENTOS NA RELAÇÃO SUJEITO-PREDICADO, ANALISADA SOB OS ASPECTOS DE CLAREZA, CONCORDÂNCIA VERBAL E VOZ

		CLAREZA	CONCORDÂNCIA VERBAL	VOZ DO VERBO
1	Redações analisadas	206	206	206
2	Número de ocorrências da relação	2652	2576	2576
3	Número de ocorrências adequadas	2401	2455	2536
4	Número de ocorrências inadequadas	251	121	40
5	% do erro sobre as ocorrências	9,5%	4,7%	1,6%
6	Nº de redações com erro	121	74	36
7	% de redações com o erro sobre total de redações	58,7%	35,9%	17,5%
8	Média de erro por redação (total de redações)	1,2	0,6	0,2
9	Média de erro por redação (redações com o erro)	2,1	1,6	1,1

OBS.: A diferença no número de ocorrências da relação se deve às omissões do verbo (adequadas ou não) em 76 das 2.652 ocorrências registradas no aspecto "clareza".

Análises dos instrumentos usados nos três levantamentos informaram-nos, finalmente, que, das 121 redações com problemas de clareza na relação estudada, 58 (47,9%) não apresentaram nenhum dos outros erros estudados. Em 38 redações, erros de clareza são concorrentes com erros de concordância. Em 10 redações, erros de clareza são concorrentes com erros de voz. Em 15 redações, ocorrem ao mesmo tempo os três tipos de erro. Das 74 redações com erro de concordância, apenas 14 (18,9%) apresentam exclusivamente este erro na relação estudada. Em 7, o erro é concorrente com o de voz. Este último erro ocorre com exclusividade em apenas 4 (11,1%) das redações em que ele aparece. Portanto, a falta de clareza é o erro que ocorre mais vezes sozinho (= sem os outros dois).

BIBLIOGRAFIA

- 1 — BECHARA, Evanildo. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1972.
- 2 — CAMARA, J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, Ed. Padrão, 1976.
- 3 — ———. *Manual de expressão oral e escrita*. 4. ed. Petrópolis, Vozes, 1977.
- 4 — SAID ALI, Manuel. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 6. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1965.
- 5 — SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 6. ed. São Paulo, Cultrix, 1974.